

# UMA ANÁLISE DA ALTERIDADE NAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS NO ÂMBITO VIRTUAL A LUZ DE EMMANUEL LÉVINAS

Willian Miranda Cardoso<sup>1</sup>

Canicio Scherer<sup>2</sup>

## RESUMO

Para Lévinas, o sujeito ético se desenvolve a partir da relação com o outro, no face a face. Assim, o presente estudo analisa a ética da alteridade na concepção levinasiana e suas potencialidades e desafios no contexto da comunicação mediada pelas relações digitais (virtuais). Para alcançar esse intento é importante levar em consideração as grandes contribuições do filósofo Emmanuel Lévinas quanto ao conceito de ética da alteridade. Por meio do estudo bibliográfico foi possível explanar o pensamento de Lévinas onde o mesmo traz luz ao tema, tornando possível, inclusive, compreender as desavenças que podem surgir no ambiente virtual quando se despreza o outro em sua alteridade. Viver a alteridade é reconhecer o outro na sua singularidade, independente do ambiente em que se encontre, e cabe a cada indivíduo reconhecê-lo como um ser no mundo.

**Palavras-chave:** Ética; Alteridade; Comunicação; Meios Virtuais.

## ABSTRACT

For Lévinas, the ethical subject develops from the relationship with the other, face to face. Thus, the present study analyzes the ethics of otherness in the Levinasian conception and its potentialities and challenges in the context of communication mediated by digital (virtual) relationships. To achieve this intention it is important to take into account the great contributions of the philosopher Emmanuel Lévinas regarding the concept of ethics of otherness. Through the bibliographic study it was possible to explain the thought of Lévinas where it brings light to the theme, even making it possible to understand the disagreements that can arise in the virtual environment when the other is despised in his otherness. To live otherness is to recognize the other in its uniqueness, regardless of the environment in which one finds itself, and it is up to each individual to recognize him as a being in the world.

**Keywords:** Ethics; Otherness; Communication; Virtual Media.

## 1 INTRODUÇÃO

Na obra “Totalidade e infinito” (1988), Emmanuel Lévinas demonstra que a verdadeira relação ética não é uma união, mas uma relação face a face onde, nas relações interpessoais, o problema não é o de estar consigo mesmo e com o outro, mas o problema de estar à frente.

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de bacharelado em filosofia no Centro Universitário Salesiano - UniSales, E-mail: Willian.jhscardoso@gmail.com.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Professor do UniSales. E-mail: cscherer@salesiano.br

Uma verdadeira união ou conexão, não é uma função composta, mas uma conexão face a face.

Essa constatação feita pelo pensador permite refletir a seguinte questão: como pensar em alteridade no contexto das relações comunicativas no meio virtual? Mediante os embasamentos éticos, os avanços tecnológicos da atualidade e os grandes prejuízos morais, que trouxeram significativas alterações no ethos da sociedade contemporânea, esta análise promove indagações que surgem constantemente no mundo moderno acerca das atitudes éticas do sujeito.

A desvalorização do outro, que se dá como que um não reconhecimento, a qual não é findada nas relações virtuais, mas deve refletir na intersubjetividade, como Lévinas afirma no face a face, uma vez que a alteridade só é possível para mim. As relações com os outros não devem ser de posse ou de poder, mas refletir uma linguagem face a face, na qual a comunicação virtual necessita refletir a interação entre pessoas, assegurando o que o próprio autor afirma sobre o ser quando comenta que a ontologia ocidental, na maioria das vezes, é uma ontologia que reduz o outro ao mesmo, por meio da intervenção de termos intermediários e neutros para garantir a sabedoria dos seres.

Desta maneira, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no que diz respeito ao conceito de alteridade no referido filósofo, para que, obtendo por meio desta pesquisa, bases que sustentem o referido tema e que se possam confrontar a teoria com a realidade, na qual se vivencia as relações de comunicação virtual.

Como ponto inicial foi estabelecido a concepção de alteridade que o autor propõe em sua concepção filosófica onde se faz necessário trazer as características das relações de comunicação no meio virtual, estabelecendo as relações éticas que se dão nos ambientes de comunicação virtual, e por último demonstrar os desafios e possibilidades para uma ética da alteridade nos ambientes virtuais.

Podemos afirmar que, por vezes, o outro não se dá conta de que, embora a tecnologia ajude nas relações, ao mesmo tempo ela pode ser um prejuízo e retardo da boa ética social. As redes em que navegamos não podem jamais tornar o outro um terceiro em nossas visões, tanto no face a face, como na ética. Por detrás da cortina de números e algarismos temos um ser, o qual não será substituído, por isso, é necessário enxergarmos o outro como ele realmente é, não sendo externo às dores alheias, praticando sempre o bem, não por interesses terceiros, mas pelo simples motivo que, por participar da sociedade e do mundo virtual, o que é inevitável, há pessoas reais e não podemos reger o mundo por nossos pré conceitos, mas sim com

empatia e cautela no próprio agir bem, pelo simples fato que não deve ser por mera causalidade.

## 2 A CONCEPÇÃO DE ALTERIDADE EM LÉVINAS

Emmanuel Lévinas, um lituano, nascido em Kovno no ano de 1906, recebeu uma educação judaica tradicional e estava aberto às literaturas russa e inglesa. Durante a Primeira Guerra Mundial, ainda aos 12 anos, mudou-se com sua família para Kharkov, onde viveu durante a Revolução Bolchevique. Em 1923 viajou para Estrasburgo, na França, para estudar filosofia e fez amizade com o escritor e crítico Maurice Blanchot. De 1928 a 1929 frequentou a Universidade de Freiburg, em Breisgau, para a última aula de Edmund Husserl (nesse período Lévinas deu aulas de francês para sua esposa) e conheceu Heidegger por acaso. Em Davos, foi atraído pelas palestras ministradas por esse mestre (LEPARGNEUR, 2014).

Lévinas mostra o caminho da superação e da desolação, para chegar ao conceito de transcendência, para encontrar o ponto de ancoragem da ética e para praticar o modo filosófico de tratar a alteridade com mais respeito. A filosofia de Lévinas, sem ignorar a importância dos grandes nomes da filosofia ocidental, se desenvolve imbuída da originalidade do valor da responsabilidade pelo outro na relação ética da alteridade.

A filosofia ocidental aparece como uma superestimação da razão e um desejo obstinado de reduzir a objetos tudo o que não seja objeto que se possa manipular pela razão. Tudo deve ser conhecido e entendido, a partir de uma certa pré-compreensão, sintetizado, analisado e aplicado de forma totalizante. Se algo é considerado impossível de examinar por uma mente racionalista, considero irrelevante, de modo que critico coisas que a razão não deveria perder tempo lidando.

A preocupação da filosofia contemporânea em libertar o homem das categorias adaptadas unicamente às coisas não deve, pois, contentar-se em opor ao estático, ao inerte, ao determinado das coisas, o dinamismo, a duração, a transcendência ou a liberdade – como a essência do homem. Não se trata tanto de opor uma essência a outra, de dizer o que é natureza humana. trata-se, antes de tudo, de encontrar para ele o lugar por onde o homem cessa de nos concernir a partir do horizonte do ser, isto é, de se oferecer, aos nossos poderes. O ente como tal (e não como encarnação do ser universal) só pode ser numa relação em que o invocamos. O ente é o homem, e é enquanto próximo que o homem é acessível. Enquanto rosto (LÉVINAS, 1997, p. 30).

A principal crítica da ontologia de Lévinas diz respeito à totalização da identidade e da alteridade no sistema. Por isso, busca uma forma de romper com o todo, evitando assim essa totalização de identidade e alteridade. Para ele, a existência não está em uma realidade inclusiva ou unificada, mas em seu oposto. Se a totalidade pressupõe um eu absoluto, que

abarca tudo e absorve a alteridade do outro formando assim um sistema anônimo, então é preciso resistir à ideia de concentrar tudo em um só lugar, uma ideia neutra e um anonimato geral. Não apenas para quebrar a totalidade de Hegel<sup>3</sup>, mas também para superar a ontologia de Heidegger.<sup>4</sup>

Dessa forma, Lévinas (1988), sugere que o desejo metafísico apontará para categorias fora do todo, pois o ser nunca poderá ser satisfeito. Essa falta de desejo na filosofia moderna significa ir além do conhecimento e, portanto, além do ser. Pelo desejo, o ego se supera para ir ao outro sem perder sua identidade, colocando o outro em si mesmo, ou seja, tem a necessidade de transformar o outro em si mesmo, “ser eu vivendo ao mesmo tempo e no outro”. (LÉVINAS, 1988, p. 103).

Lévinas dá à linguagem uma estrutura plural, que não constitui um todo ontológico pois ao ver a existência como logos, ele apaga o outro. Por outro lado, a moral permite abordar as diferenças dos outros sem reduzi-las no mesmo grau. Por isso, para ele, a ética é considerada a filosofia primeira, desta forma, precedendo a ontologia. De fato, como sugere Platão, essa tensão entre ética e ontologia, entre a ideia de ser e a ideia do outro, constitui a própria filosofia. (LÉVINAS, 2001, p. 53)

As ideias de Emmanuel Lévinas são parte integrante das muitas tendências do campo da filosofia contemporânea. Seus projetos ideológicos e filosóficos visam estabelecer um novo humanismo, onde por meio do mesmo, o autor abre dimensões relevantes do pensamento filosófico. O aspecto mais importante e inovador do pensamento de Lévinas é o questionamento ético acerca do outro, que se corporifica na inhomogeneidade<sup>5</sup> do outro e proporciona uma nova visão das relações interpessoais.

Neste sentido, leciona Lévinas (1997, p. 141-142):

O inter-humano está também na providência de uns em socorro com os outros, antes que a alteridade prestigiosa de outrem venha banalizar-se ou ofuscar-se num simples intercâmbio de bons comportamentos que se terão como 'comércio interpessoal' nos

---

<sup>3</sup> Hegel busca entender o homem em sua totalidade, ou seja, tenta compreender todos os aspectos do ser humano e explicar tudo que o ser humano vive e é através de um único sistema. Todo o universo, tudo que existe, existiu ou vai existir, inclusive a história e o tempo, são vistos como um único organismo em constante mudança e o ser humano é somente parte desse organismo e provavelmente não a mais importante (MARCONATTO, 2008, n.p.).

<sup>4</sup> A investigação ontológica que se compreende corretamente confere a questão do ser o primado ontológico que se vai muito além de simplesmente de retomar a uma tradição venerada e um problema até agora esclarecido (HEIDEGGER, 2005, p. 38).

<sup>5</sup> Inhomogeneidade em sua etimologia significa uma característica de um corpo ou de uma substância que não tem as mesmas propriedades em todos os pontos. É qualidade que é composto por partes distintas, heterogeneas (únicas). Tendo o conceito desta palavra observa-se a necessidade do reconhecimento das inhomogeneidades (qualidades) que o outro possui. (Dicionário online, n.p.).

costumes. É na perspectiva inter-humana de minha responsabilidade pelo outro homem, sem preocupação com reciprocidade, é no meu apelo e socorro gratuito, é na assimetria da relação de um ao outro.

A concepção original desse novo humanismo proposto por Lévinas, denominado humanismo do outro, caracteriza-se pelos valores éticos de solidariedade e responsabilidade que permeiam todas as relações intersubjetivas e interpessoais (LÉVINAS, 1988, p. 58). Lidar com a inhomogeneidade significa, em primeiro lugar, incorporar a ética ao pensar e ao agir. A relação de um para com o outro deve ser realizada em forma de boa vontade e suas ações humanas devem estar baseadas nos mais nobres e eloquentes princípios da dignidade do outro.

O encontro com o outro tem como premissa a ausência de vaidade, não reduzindo a existência apenas ao eu e sim permitindo que ele seja aberto ao outro. É retirar as máscaras que escondem o que de fato é (vaidade, egoísmo, individualismo), e abrir-se ao outro, pois tudo o que existe é um processo da própria consciência. Como comenta Márcio Bolda da Silva (1995, p. 71): “[...]a exterioridade do outro não é compreendida de todo por nenhum mundo nem sistema. Quando o outro fala a partir de si revela sua alteridade” (SILVA, 1995, p. 71). É o findar do eu para com o outro. O sentimento de si mesmo requer a compreensão dos outros, ou seja, é saber olhar a condição humana sem traí-la, escolher o que a dignifica sem desvalorizá-la, é o primeiro passo para o reconhecimento do outro.

Lévinas argumenta que a filosofia ocidental não se preocupou em lidar com referências ao outro. Isso é muitas vezes pensado com mais precisão do que como uma ontologia, ou seja, uma redução completa do outro ao mesmo.

A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder. A ontologia torna-se ontologia da natureza, impessoal fecundidade, mãe generosa sem rosto, matriz dos seres particulares, matéria inesgotável das coisas. Filosofia do poder, a ontologia, como Filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo. É uma Filosofia da injustiça (LÉVINAS, 1988, p. 33-34).

Segundo a nomenclatura adotada por Lévinas, o conceito de outro é definido e compreendido por meio de relações a priori plenamente reconhecidas. Sua concepção do sexo oposto não aparece de forma que viole a imanência, mas o padrão da ideia de infinito destrói a mesma imanência e destrói a consciência. A consciência é questionada, e todo questionamento da consciência vem de fora, dos outros, pois as formas de pensamento e os diferentes modos de ser refletem algo além do saber e da relação fundamental do ser, que começa com o puro ser, onde a existência ainda não foi tematizada é um indicador da existência em direção à morte, que se deleita em chegar ao fim ao invés de se abrir para a infinidade do Outro.

Para Lévinas (1988, p. 189), “[...] uma relação com uma alteridade total, irreduzível à interioridade e que, no entanto, não violenta a interioridade; uma receptividade sem passividade, uma relação entre libertos”.

Lévinas tenta trazer algo por trás da filosofia, por meio de um verdadeiro amor pelo conhecimento e um desejo de se conectar com pessoas completamente diferentes. A primeira consciência, a consciência correta, é a consciência do relacionamento. Não há subjetividade sem o outro, o que significa uma abertura permanente a novos aspectos do outro, aos quais tenho que responder novamente.

## 2.1. O OUTRO COMO INTERLOCUTOR

A ética é entendida como uma forma de indagação que se volta para o outro. Portanto, a alteridade é a característica que determina a relação ética. Entendemos que a moralidade é o fundamento norteador da experiência humana. Desse ponto de vista, esse preceito, que podemos interpretar como ética, deriva da primazia do outro e constitui um modelo concreto do outro.

Lévinas se propôs fazer justiça aos outros de uma maneira especial. Ética envolve conduta e atitudes cuidadosas, sinceras, respeitosas e justas nas relações com os outros. Portanto, raciocinamos que a moral respalda e estabelece a intenção imediata das ações das pessoas, e fazê-lo de maneira honesta, justa e adequada, não significa simplesmente cumprir deveres, regras e leis. “à inteligência do ente consiste então para ir além do ente, precisamente no aberto e em percebê-lo no horizonte do ser” (LÉVINAS, 1997, p. 26).

Para Emmanuel Lévinas, o outro, como comenta João Bosco, “[...]desempenha um papel decisivo na ética” (BATISTA, 2008, p. 85-86), que em sua filosofia ele o chama de *alter*, o outro, ao qual nada pode ser atribuído antes. O outro sempre nos é apresentado pelo rosto, mas o rosto não é objetivo, muito menos físico, pois essa questão transcende as questões objetivas. Não podemos definir, julgar ou até mesmo rotular os rostos pelo qual o outro se dá a conhecer, pois a sensibilidade antecede a racionalidade, que nos faz dar valor e pensar moralmente sobre o outro a partir da face, de modo que, a face do outro é uma denominação, e o sujeito tem o dever de respeitar e responder de forma ética, integralmente, até que a resposta seja dada pelo mesmo.

O foco do pensamento de Lévinas é o outro, este *alter* que se manifesta em sua fragilidade, que permite ao sujeito dar respostas e se responsabilizar. Assim, podemos afirmar que a ética inaugura a humanidade do homem. A partir de agora, o sujeito só pode falar de humanidade,

de natureza humana, se está se referindo à ética. O sujeito deve ser pensado como um ser responsável pelo outro. É por meio dessa reciprocidade que o nosso autor constrói a estrutura de sua filosofia ética.

Em 1961, Lévinas escreveu sua maior obra, “Totalidade e Infinito”, na qual tratou da transição da totalidade para o infinito em duas etapas. Na primeira fase desta passagem, Lévinas analisa a constituição do eu, a emergência do eu (subjetividade), pois se a ética não envolve o eu, não há como lidar com a subjetividade do eu. Como segunda etapa deste processo, temos a saída do eu para o outro, aspecto esse que revela a emergência do outro.

Como mencionado anteriormente, a ética só é possível quando há inhomogeneidade e quando há uma relação dialogada entre duas pessoas. Não se pode basear apenas no “rosto e boca”, pois a representação física do rosto não nos dá a resposta, haja vista que as respostas necessárias encontram-se na intersubjetividade, ou seja, as inferências de julgamento, se assim podemos dizer, não podem estar e nem devem estar baseadas em características de expressões faciais, a medida que a comunicação entre os mesmos não pode estar baseada nesta inferência, dado que muitas vezes como comenta Márcio Bolda “[...] o rosto é trocado por uma máscara, feia e rustica. A máscara já não é o rosto” (SILVA, 1995). Quando o sujeito está “mascarado” não se pode inferir uma comunicação entre os sujeitos, uma vez que por estar com esta máscara, não estamos mais tratando do sujeito na sua subjetividade.

Dessas duas etapas, surgem dois outros ramos. O primeiro é o de lidar com o mundo à medida que cuidamos de nós mesmos, no modo como vivemos, ou seja, é um reconhecimento de nós sobre o outro, mediante o amplo contexto dos acontecimentos ao nosso redor, pois a concepção de ser humano surge quando somos capazes de prestar contas aos outros, quando somos sensíveis à vulnerabilidade dos outros, onde se enfatiza que a responsabilidade precede a liberdade (LÉVINAS, 1988, p. 30).

Pode-se dizer que a sensibilidade precede a razão e desta forma encontramos o segundo ramo, pois a partir do momento em que compreendemos essa sensibilidade antes da razão, percebemos que temos a responsabilidade antes da liberdade, que a humanidade depende de elementos éticos, e de quando somos capazes de nos sensibilizar através da sensibilidade dos outros.

Na obra “Entre Nós” 1997, Lévinas tratou sobre um fragmento que pode nos ajudar a explicar um pouco mais sobre o objeto em discussão. Trata-se de uma entrevista em que responde à algumas perguntas sobre o conteúdo de suas teses e na qual é questionado especificamente sobre a relação com o outro que sua teoria pretende descrever. Ao contrário de seus outros

textos, em que se reserva a uma linguagem mais filosófica, nesta entrevista o filósofo responde utilizando da história bíblica entre Caim e Abel e todo o contexto que a envolve, como uma forma de trazer o pensamento para a sutileza do que ele quer considerar. Neste fragmento, Lévinas enfatiza um grande fator de poder sobre o drama que vivem Caim e Abel. O exato momento em que Caim volta sozinho para sua família, na ausência de seus irmãos, é a tônica e o ponto crucial do todo.

Diante da solidão de Caim, que veio sem a presença de um irmão, surge a seguinte pergunta: onde está o teu irmão?" Questão que Caim responde com outra questão: "E por acaso seria eu o guardo do meu irmão?"." Eu sou eu e ele é ele "- responde Caim, em resumo. A conhecida história bíblica, trazida à tona por Lévinas no exato momento em que ele é interrogado sobre os vínculos imateriais que se estabelecem no momento da relação com a alteridade, encobre em si grandes questões nas quais Lévinas (1997) se aprofundará.

Não podemos negar neste pequeno fragmento, que a resposta de Caim é sincera, mas carece de moralidade na análise linguística<sup>6</sup>, pois falta a Caim a sensibilidade da origem, que o torna responsável por meio do rosto de seu irmão a ponto de tirar a vida mesmo. Aqui, podemos fazer um paralelo com a sociedade contemporânea onde podemos definir a violência como um vazio que ignora o outro, "A negação parcial, que é a violência, nega a independência do ente: ele depende de mim" (LÉVINAS, 1988, p. 34).

Na visão de Lévinas, a ética não pode ser pensada em um nível racional e depois se aplicar seus princípios a casos específicos, a ética não pode ser considerada principialista. É na ingenuidade da experiência de cada encontro, que nunca se repete, que a ética começa e acontece. Porque todo encontro que se tem com o outro é original, e a essência desse encontro aparece na relação face a face, onde se estabelece uma linguagem mais autêntica, se revelando e se comunicando por meio da linguagem. Não há regras pré-estabelecidas sobre o domínio da razão, mas a ética se estabelece por meio do encontro e da linguagem (LÉVINAS, 1988, p. 34).

Não há exigência de reciprocidade na ética do outro, pois não pode ser considerado um contrato, cuja ideia vem dos contratualistas, como por exemplo, John Locke que acreditava que protegendo sua propriedade (seus interesses), faria com que o homem progredisse, que acreditam em uma ética que vem do contrato social, no qual existe a ideia básica de reciprocidade, se o sujeito for moral, o outro também seria moral apenas para um

---

<sup>6</sup> Quando Caim vai referir-se ao seu irmão observa-se uma desconsideração para com o teu irmão, como se não tivesse uma importância para o mesmo a presença ou não do teu irmão. Quando me refiro a questão linguística, refiro-me a forma com que houve uma carência de Caim ao falar de seu irmão.

determinado sujeito, pois não existe tal possibilidade de reciprocidade na ética do Outro. A ética acontece por uma ação, uma atitude não provocada, não por uma troca de interesses entre os sujeitos. Em outras palavras, não existe tal exigência de que a outra parte seja responsável por mim.

O encontro com o outrem consiste no fato de que, apesar da extensão da minha dominação sobre ele e de sua submissão, não a possuo... Não é a partir do ser em geral que ele vem ao meu encontro. Tudo o que dele me vem a partir do ser em geral se oferece por certo a minha compreensão e posse. Compreendo-o, a partir de sua história, do seu meio, de seus hábitos. O que nele escapa à minha compreensão é ele, o ente. Não posso negá-la parcialmente, na violência, apreendendo-o a partir do ser em geral e possuindo-o (LÉVINAS, 1997, p. 31).

Lévinas acredita que a responsabilidade incondicional para com o outro pertence ao próprio sujeito, e o homem só pode existir se a ética existir. Sem ética não há humanidade. A ética envolve comportamentos e atitudes de cuidado, cordialidade, respeito, justiça e equidade nas relações com os outros.

Destarte, inferimos que a moral respalda e estabelece uma intenção imediata nas ações das pessoas, e fazê-lo de forma honesta, justa e adequada, não significa que seja apenas o cumprimento de deveres, regras e leis. A ética baseada na heterogeneidade tem como foco primordial a valorização do ser humano, o que ocorre por meio da consciência do Outro manifestada na sua epifania.

### **3 AS RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO NOS MEIOS VIRTUAIS**

Os meios virtuais de comunicação consistem em dois elementos principais: informação e relacionamento. Cada operação nestes meios depende de como esses dois conceitos interagem. Pode ser difícil, dependendo das informações publicadas, por isso, é importante conhecer e identificar os tipos de informações que circulam no ambiente digital ao qual pertencem. O ambiente digital ou rede social foi concebido a partir das relações sociais. Assim, é composto por um conjunto de nós e conexões, ou seja, dentro deste ambiente não há uma intersubjetividade e sim uma ligação entre o sujeito e a conexão que se faz. É bom lembrar que entre ambientes físicos e virtuais, não há dúvidas sobre a realidade de ambos os ambientes. Pois, em ambos, aparece o que de fato é produzido, sendo que depende da finalidade da informação e da mudança de um momento para outro, o que pode dificultar ainda mais esse processo.

A possibilidade de participar das redes online a partir de dispositivos portáteis, como celulares e tablets, de alguma maneira permite a transposição contínua das barreiras entre 'mundo físico' e mundo online', em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e àquelas desenvolvidas offline (MARTINO, 2003, p. 58).

Como nos aponta Martino, como o ambiente virtual é tão real quanto o ambiente físico, os dois ambientes são complementares e não opostos. No entanto, ainda podemos transformar o relacionamento que criamos, em outro relacionamento.

Relacionamentos sociais online, ao contrário dos relacionamentos físicos são relacionamentos equilibrados e não burocráticos. Cada elemento que compõe a rede tem o mesmo poder. As relações no ambiente digital são caracterizadas pela flexibilidade, não caprichosa e vulnerável, mas pela capacidade de adaptação e integração em novas realidades. De fato, para as pessoas, a resiliência é um elemento central do crescimento interno, e a resiliência em um ambiente digital ou rede digital é a base para o crescimento e a expansão. Devido à sua flexibilidade, o ambiente digital também está em constante mudança, procurando desenvolver-se e adaptar-se facilmente. Assim, a nova natureza do ambiente virtual dinâmico de movimento e mudança foi desvendada. Como Martinho mencionou “redes” são definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições” (MARTINO, 2003, p. 55).

As relações no ambiente digital caracterizam-se não pela flexibilidade inconsistente e frágil, mas pela capacidade de adaptação e integração em novas realidades. Na verdade, a conplacência é um fator chave para uma pessoa. Para o crescimento interno, pode-se dizer que a compreensão é a base do crescimento e expansão, quando se trata de ambientes digitais ou virtuais. Devido à sua versatilidade, o ambiente virtual também está em constante mudança. Isso ocorre porque em um ambiente virtual, o poder e a regulação constantes limitarão os relacionamentos e impedirão que outros participantes encontrem outro caminho, acreditando que o caminho escolhido é o único caminho certo.

Conseqüentemente, podemos dizer que: “[...] redes sociais podem então ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes” (MARTINO, 2003, p. 55). Desta forma, características relacionais são possíveis aqui. A capacidade de fazer duas pessoas se relacionarem, que é o elemento que faz a rede existir, define sua especificidade. É uma rede porque reúne casos e cria uma relação entre não dispensar um ou outro. Isso leva à inferência de que uma das principais características da mídia digital é relacional.

Conhecer os elementos básicos de uma rede social digital, sua estrutura, a qualidade das relações entre seus diferentes participantes e estabelecer essas relações, são técnicas necessárias. Não é apenas a relação entre dois sujeitos no ambiente, mas a relação entre eles

que se coloca em jogo o resultado das relações com os diferentes indivíduos, ambientes e relações.

### 3.1. TEORIA DA SOLIDÃO CONECTADA DE SHERRY TURKLE

Sherry Turkle, pesquisadora estadunidense, autora de uma trilogia sobre relações sociais e tecnologia, escreve sobre a presunção consistente de solidão. O objetivo de sua pesquisa é mudar a vida social causada pela comunicação digital, desde o final da década de 70. (MARTINO 2003).

No livro em “*Alone Together*”, no volume final de sua trilogia, ela propõe que as pessoas se conectam em redes virtuais para escapar da solidão que caracteriza grande parte da vida hoje. No entanto, quanto mais pessoas associadas, mais solitárias elas se tornam. Turkle explica porque tendemos a nos conectar por meio de mídia digital em vez de presença física, quando vai dizer que a tecnologia pode resolver algumas de nossas maiores fraquezas e ajudar a lidar com os medos contemporâneos, disse ela: “[...] as relações virtuais criam a sensação de eliminar algumas dificuldades de interação existentes na vida cotidiana” (MARTINO. 2003, p.123).

Além do medo de ficar sozinho, ainda há o medo de ficar muito perto de outras pessoas, ela também define a vida na web como algo que nos esconde e nos conecta com os outros, com intimidade e sem intimidade. Por exemplo, os indivíduos nos permitem ter mais controle sobre as informações que meus interlocutores têm acesso. No entanto, ao mesmo tempo em que a tecnologia nos aproxima, ela empurra para trás, para criar um novo mundo social, o mundo da solidão. Nesse acervo, o sujeito tem a liberdade de criar e viver em um mundo que ele mesmo criou, onde o mesmo faz as regras. De acordo com Turkle, relacionamentos pessoais, perfis online e algumas complexidades, podem “controlar o poder de um relacionamento. Segundo ela: “Ao montar um perfil online, por exemplo, a escolha de fotos e a descrição que se faz de si mesmo permitem construir uma imagem de si mesmo que, pessoalmente, talvez seja difícil de manter” (MARTINO. 2003, p.123).

Embora estejamos cada vez mais expostos à vida pessoal dos outros, isso não significa maior intimidade, muito menos uma determinação para acabar com a solidão. Isso porque os relacionamentos virtuais podem suprimir algumas das dificuldades diárias de interação, a tecnologia cria a ilusão na vida de quem a usa para viver em um ambiente digital e criar novos relacionamentos. Não basta ter um perfil na internet, mas fica claro que os limites entre o real

e o virtual, o eu e o múltiplo, estão corrompidos. As transformações comportamentais surgiram por que computadores, smartphones e tablets são mais do que máquinas de utilidade. As credenciais da internet ejetaram o tópico das pressões sociais e dos padrões estabelecidos.

No ambiente de liberdade da internet é possível dizer a verdade, omitir a verdade ou criar uma réplica de si mesmo, seja para aceitação do grupo ou para melhorar a própria imagem. Nesse contexto, emergem manifestações de exaltações e práticas que elevam a si mesmo. As transformações espaciais e temporais associadas às mídias digitais tem alterado os limites públicos da identidade. "Sozinho", explica Turkle, "Tornar-se um pré-requisito para conectividade". Ao se conectar por meio de fóruns, redes sociais, e-mail e outras possibilidades de comunicação instantânea, com pessoas de todo o mundo oferecidas, pela Internet, as raízes e a importância de um lugar específico são diminuídas. Dessa forma, as redes sociais agregam elementos da cultura computacional à percepção da identidade como diversidade.

Mas ao mesmo tempo em que este indivíduo satisfaz a necessidade de companheirismo e coexistência, em contrapartida tornam-se caminhos para outras formas de vida social. Mesmo aqueles que estão “sempre ligados”, têm solidão coletiva. A tecnologia cria uma falsa sensação de intimidade, ou seja, cria uma falsa liberdade para que os mesmos criem uma liberdade na qual não se tem, como Zigmunt Bauman se referiu: “Ao contrário de ‘relacionamentos reais’, os ‘relacionamentos virtuais’ são fáceis de entrar e de sair. Acho que a atratividade do novo tipo de amizade, está exatamente aí. É a facilidade de desconectar.” ( *ENTREVISTA AO JORNAL EL PAÍS, em janeiro de 2016, n.p.*)

### 3.2 MICHAEL HEIM: A FILOSOFIA DO MUNDO VIRTUAL CONECTADO

Michael Heim, estudando a filosofia virtual do mundo conectado, concluiu que a mente humana pode mudar sua natureza em um ambiente tecnológico. O filósofo procurou entender as características das mídias sociais, aplicativos, máquinas e tecnologia. Ele observou que as relações interpessoais, atreladas com essas ferramentas, às pessoas oferecem o risco de perder sua capacidade de se comunicar. O pensador contemporâneo Zygmunt Bauman também falou da fluidez das relações sociais humanas hoje, em sua pesquisa sobre a modernidade fluida. Para ele, as pessoas de fora da rede são superficiais:

Preferimos investir nossas esperanças em 'redes' em vez de parcerias, esperando que em uma rede sempre haja celulares disponíveis para enviar e receber mensagens de lealdade"..... “As relações humanas não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual. Em vez disso, transformaram-se numa fonte prolífica de ansiedade. Em lugar de oferecerem o ambicionado repouso, prometem uma

ansiedade perpétua e uma vida em estado de alerta. Os sinais de aflição nunca vão parar de piscar, os toques de alarme nunca vão parar de soar. (BAUMAN, 2008, p. 149-150)

Quando se trata de conectar pessoas as telas, Heim se refere à evolução da gravação e armazenamento de conteúdo. No início, tudo era passado de geração em geração por meio da linguagem, mas a forma de transferir conhecimento mudou. Antes da era tecnológica, era necessário armazenar todo o conteúdo em papel, e dentro disso realizar um planejamento das ideias a serem colocados no papel, pois uma vez escritos, em caso de erro, seria necessária uma reescrita de todo o conteúdo que já foi explanado. Na era da tecnologia, as ideias não precisam mais amadurecer antes de serem escritas. De fato, na frente da tela, digitar e apagar é muito mais veloz e fácil. (MARTINO, 2003).

Sobre essa mesma questão ainda, afirma Martino (2003, p. 41):

[...] a rapidez do toque, a sensibilidade das teclas e a velocidade do processador que coloca nossos pensamentos diretamente diante dos olhos eliminam a necessidade de um planejamento anterior, quase frase a frase, do que seria escrito. De seres gráficos, passamos a seres digitais.

O filósofo acrescentou que tudo na tela pode ser alterado. A velocidade dessa mudança só não poder ser mais rápida, pois a velocidade de nossos dedos, embora falando de tempo, espaço e informação, não o permite, ou seja, devido ao fato de tudo ser rapidamente modificado em telas, somos limitados pois, para que sejam executadas tais informações, é necessário que antes seja de certo modo pensado e tudo depende de onde estamos, o que estamos fazendo no momento e a captação de informações que adquirimos. Segundo ele, o cérebro humano precisa se adaptar à grande quantidade de informações que o cerca.

À medida que a quantidade de informação aumenta, o encéfalo humano tem que processar tudo, e o tempo transpassa, então o dia transpassa mais veloz. Heim argumenta que, as pessoas precisam lidar com o grande volume de coisas, e as coisas acabam perdendo seu significado. Além disso, o cérebro pode perder a capacidade de “focar nas coisas” e se concentrar em algo por muito tempo, o que pode ser explicado cientificamente por especialistas médicos.

Para Nietzsche, é preciso saber algo além de nossas próprias convicções, como ele mesmo nos dirá, devemos procurar adquirir sabedoria como por exemplo na arte, nos livros, nos poemas etc. Mas não se pode gastar muito tempo investigando os detalhes de cada tópico. “A maior parte do dia deve ser dedicada a conhecer a fundo um determinado assunto. E isso não significa passar o dia inteiro lendo sobre ele” (BURNHAM, apud CORDEIRO, 2014, n.p.). Devemos assim ter uma abertura para o novo, e não estar focados somente em detalhes que, o

sujeito, por si próprio acha interessante. Muitas vezes, estamos sujeitos a procurar e conhecer somente aquilo que é benefício para nós mesmos, e não aquilo que nos favorece a conhecer ou nos ajuda a olhar para o outro de uma forma diferente.

Heim não parou por aí. Ele também liga a exploração da “gruta” de Platão à mídia e ao ciberespaço. Segundo a metáfora do filósofo: “o ciberespaço é o lugar no qual a mente, libertada da caverna do corpo físico e de suas limitações, entra em um mundo de pura representação” (MARTINO. 2003, p. 43). Ele sugeriu que a mente humana pode usar a tecnologia em muitos lugares diferentes e distantes, ao integrá-los ao nosso cotidiano. Isso muda a relação das pessoas com seu ambiente. Por outro lado, ele acaba ignorando as coisas ao seu redor, mas também começa a entender coisas que antes ignorava.

Desta maneira, o outro dentro do mundo virtual é visto como códigos, um ser desconhecido, e por esse motivo, o eu ignora o ser que está por detrás dos aparatos tecnológicos. No ambiente digital, esse princípio se aplica de forma muito clara. A outra pessoa, do outro lado do aparato técnico que utilizo para me comunicar com ela, pode até ser um estranho o eu, mas quando se percebe que para ela, ela me ajuda a entender quem sou, por outro lado, também represento um desconhecido. Nesse ápice, a comunicação realmente acontecerá no momento em que cada eu entender que está falando com o outro diferente: é aí que o outro entra no ambiente digital.

#### **4 A RELAÇÃO ÉTICA NOS AMBIENTES DE COMUNICAÇÃO VIRTUAL**

Para Lévinas, o outro se apresenta como uma ameaça constante, e a primeira reação é o desconforto. A presença de outra pessoa, seu rosto, cria nos corações o desejo de usar ataques verbais contra o indivíduo. Porém, na presença do outro, não podemos negar a sua existência, pois somos desafiados a conhecê-lo e aceitar sua existência, o que destrói nossa sensação de segurança. A face (rosto do outro), nos desafia a sermos nós mesmos, pois nos interpela. Não nos é possível fugir do outro ou negar a sua existência.

Desta maneira, deve haver o questionamento de como se expressar em um ambiente digital, sendo quem realmente é e respeitando uns aos outros, com o olhar ético que o outro precisa ser visto e considerado. Observa-se que deve conter no eu o desejo de abandonar a sua sensação de segurança e se abrir ao sentimento de conhecer o outro, sem a necessidade de utilizar palavras e nem defrontamentos que fira o rosto do outro, ou seja, o lado de ser ético consiste antes mesmo de fatos acontecerem, depende de o sujeito reconhecer o outro na sua

subjetividade na sua integridade de ser. Os fatos não podem e nem devem justificar o porquê se é ético com uns e com outros não, e para isso utiliza-se da comunicação virtual. Pois no pensamento levinasiano é o outro que nos desafia a sermos éticos, sem o outro não conseguimos.

A internet tende a mudar o comportamento das pessoas, ao pensar de uma forma sistêmica em que vários eventos e estímulos vão afetar outros e o resultado depende de como se concebe ou se processa esta gama de informações que circulam a todo o momento na vida das pessoas. (SILVA; SILVA; MORAES, 2014, p.8).

A alteridade traz o poder de questionar quem você é ou sua representação de si mesmo. O outro em sua alteridade tem a capacidade de atravessar o sujeito com questionamentos sobre sua composição, e esse desafio, se não for construído na ponte da intersubjetividade, leva a uma sensação de segurança no desfecho da diferença do outro. Dessa forma, para Lévinas, a ética se tornará a dimensão que preserva a unidade do outro.

A relação com outrem não anula a separação. Não surge no âmbito de uma totalidade e não a instaura integrando nela o Eu e Outro. A conjuntura do frente a frente já não pressupõe a existência de verdades universais, onde a subjetividade possa incorporar-se e que bastaria contemplar para que o Eu e o Outro entrem numa relação de comunhão. A alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é outrem (LÉVINAS 1988, p. 229).

A sensação de posse de suas próprias convicções, apenas confirma o sujeito e nega a independência do outro. Assim, ele tenta capturar em palavras uma relação de respeito pelos outros, uma relação de desejo metafísico que impede a morte do outro e o mantém em uma relação de justiça, onde a “[...] ética, é o humano, enquanto humano. O único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro” (LÉVINAS 1997, p. 149-150), os relacionamentos morais, que são únicos, é que podem falar uns com os outros sobre toda a sua aparência. Não se pode com isso viver em um anonimato, pois no meio virtual, o anonimato parece constituir uma importante ferramenta estratégica para condensar, temporária ou persistentemente, o poder, especialmente nesse ambiente onde se molda o discurso e fortalece a segurança do indivíduo.

A ética envolve comportamentos e atitudes de cuidado, cordialidade, respeito, justiça e equidade nas relações com os outros. Portanto, infere-se que a moral respalda e estabelece uma intenção imediata nas ações das pessoas, e fazê-lo de forma honesta, justa e adequada não significa que seja apenas o cumprimento de deveres, regras e leis. A ética baseada na inogeneidade tem como foco primordial a valorização do ser humano, o que ocorre por meio da consciência do Outro. Para se ter a consciência do alter (outro), o eu dentro do mundo virtual não pode ficar em um anonimato, ou seja, ficar por detrás dos aparatos tecnológicos, como se fosse um ser de codificações.

Nesse contexto, o anonimato pode ser entendido como consequência do pressuposto da distância física, pois ao interagir com telas e botões ao invés de corpos, torna-se uma conexão simbólica, online, em um universo potencialmente infinito, onde é impossível estruturar todas as interações, para não mencionar o ocasional. O outro, mesmo interagindo comigo, pode permanecer em um nível desconhecido dentro da distância estéril mantida pela tela em que está se utilizando, “De certa maneira, a perspectiva do anonimato é uma espécie de anticomunicação”. (MARTINO 2003, p. 13)

Nessa perspectiva, é importante ampliar a compreensão dos valores humanísticos e repensar as formas de convivência em termos de construção de uma sociedade melhor, uma sociedade que reconheça e respeite as diferenças nas relações interpessoais e em sua singularidade. Assegurar uma vida digna em prol da consciência moral humana e um aumento acentuado da responsabilidade para com os outros.

Lévinas expressa seu significado para a vida quando diz que: "Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele" (LÉVINAS, 1993, p. 101). Ele propunha um novo humanismo, queria salvar a face do amor e da justiça, ou seja, queria redefinir a subjetividade por meio do pensamento ético. Esse tipo de pensamento é construído na relação entre as pessoas. Desta forma, pode-se caracterizar o conceito de ética em Lévinas a partir da relação entre eu e o outro, onde sua definição do indivíduo ético é sempre constituída pelo outro e não pelo eu.

Diante disso, argumenta Grzibowski (2010, p. 82—83):

Na relação de um para com o outro, a essência da linguagem ética deve ser a interpolação, o vocativo. Porque o outro não é alguém que eu compreenda, que investigue a partir de um sistema, mas que me interpela e que clama. O outro se dirige até mim, e está desnudo. "A desnudes do rosto que não é o que se oferece a mim para que o desvele, e que, por isso seria oferecido a meus poderes, a meus olhos e a minhas percepções em uma luz exterior até ele". (...). A relação ética do Mesmo para com o Outro, relação de responsabilidade, não entrará ou não se deixará englobar pelo plano racional ou ontológico. A relação será sempre infinita.

Heidegger em seu livro *Ser e Tempo*, leciona que: “[...] evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na presença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, etc.” (HEIDEGGER, 1993, p. 309). Diante disso, é importante se ampliar a compreensão dos valores humanísticos, repensar as formas de convivência e as relações humanas, com a perspectiva de solidificar, no reconhecimento, as diferenças e de forma singular o respeito ao sentido ético do ser humano, onde aumenta significativamente a responsabilidade do outro como meio de garantir uma vida digna. Foi com o sentido da vida que Lévinas mostrou preocupação: “A responsabilidade não é aqui uma

fria exigência jurídica. É toda a gravidade de amor do próximo - do amor sem concupiscência” (LÉVINAS 2002, p. 219). Ele queria manter a face do amor e da justiça, ou seja, o sujeito constitui ou constituía a sua subjetividade a partir da ética (do outro).

A relação ética não pode ser entendida como resultado. É simplesmente uma relação concreta entre o Eu e o Outro, e é o Outro que se manifesta inteiramente como o Outro. Relacionamentos éticos são mais do que nossas mentes podem pensar e refletir. Ou seja, o que o filósofo franco-lituano entende por moralidade é o que não é dito, mas apenas vivido e vivenciado nas relações interpessoais.

A relação com outrem não anula a separação. Não surge no âmbito de uma totalidade e não a instaura integrando nela o Eu e Outro. A conjuntura do frente a frente já não pressupõe a existência de verdades universais, onde a subjetividade possa incorporar-se e que bastaria contemplar para que o Eu e o Outro entrem numa relação de comunhão. A alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é outrem (LÉVINAS 1988, p. 229).

Martino (2016) sugere que a relação com a variabilidade nos meios digitais assenta num paradoxo: um excesso de informação, longe de ser transparente, conduz à transparência de uma outra percepção. No entanto, se as informações sobre uma pessoa na Internet estão disponíveis e são fáceis de encontrar, é por isso que as expressões online sobre si e sobre os outros raramente excedem a primeira impressão da diferença. É uma inferioridade superficial e opaca a uma suposta transparência.

A relação ética não depende de uma ação que exige uma consequência ou um efeito ulterior, mas é a singularidade e a subjetividade do outro. Aqueles que realmente definem as relações éticas não são vistos como são em sua singularidade, com suas ações, pois a sociedade atual está repleta de uma abrangente personalização, que não permite que as pessoas sejam respeitadas em sua singularidade e dignidade como seres humanos, não são vistas como pessoas, mas como coisas descartáveis e sem valor. Nesse pensamento, quem determina a relação ética é sempre o outro, que se apresenta e se manifesta na pessoa que, por si mesma, se comunica. A relação ética não é a imposição de si ao outro, não é a manutenção da soberania de si, nem se reduz à atividade da consciência, “o eu” é sempre dominado pelo impulso racional, pelo impulso à realização desta ideia normativa de um ordenamento moral do mundo.

Nesse sentido, a velocidade dos relacionamentos dentro da comunicação virtual não permite agilidade na comunicação entre os sujeitos, senão uma visão rápida e atribuição superficial. Viver com ele parece mais complicado sem nos conhecermos, pois a alteridade, na perspectiva levinasiana, traz o poder de questionar o que se é, ou mesmo como se representa a si mesmo. O outro tem a capacidade de atravessar o sujeito com questões sobre sua

constituição, e esse desafio, se não for enquadrado na ponte da intersubjetividade, leva a um refúgio no fechamento da diferença. De certa forma, o pensamento de Lévinas quer desafiar o outro a ver o eu como parte do comum, desde que não seja entendido como um oposto específico daquele que não fala.

O ambiente de mídia digital pode ser um espaço para se comunicar e conhecer todos os outros. No entanto, um levantamento de pesquisas sobre comunicação online sugere um panorama menos positivo, por vezes baseado em discursos do que está distante. Claro, os fenômenos que existem em ambientes pré-existentes não se devem ao prefixo cibernético. É importante notar que esses elementos parecem ser fortalecidos e aprofundados no ambiente digital. No ambiente físico, finalmente é possível lidar com a situação de várias maneiras. Nos meios digitais, a variação aparece como uma existência quase obrigatória a partir de uma de suas principais características - interação, conexão, rede.

#### 4.1 DESAFIOS PARA UMA ÉTICA DA ALTERIDADE NOS MEIOS VIRTUAIS

A comunicação no ambiente virtual é muitas vezes ditada pelos interesses do emissor, ou seja, aquele que envia a mensagem. A comunicação no ambiente digital não parece ver o outro como sujeito, mas como objeto a ser explorado, ou seja, como o outro não está face a face, podemos ou ousamos tratá-lo conforme conveniências e interesses pessoais, egoístas, sem deixar que nos afete, nos desafie, seja anonimamente ou no distanciamento. O presente estudo quer mostrar que a alteridade é uma experiência única e a base para permitir a comunicação no ambiente (virtual), e que vai em contraposição ao esquecimento ou redução do outro a um simples código linguístico e comunicativo.

A partir desta questão percebe-se que, quando nos referimos à alteridade e relações virtuais, existe o questionamento das atitudes éticas que os indivíduos tem dentro do meio virtual. As tecnologias vieram para nos ajudar, para complementar a nossa vida, entretanto, com esse novo modo de vida tecnológico, houve retrocessos quanto ao reconhecimento do outro. A comunicação nos dias atuais tem se tornado cada vez mais uma introspecção dos indivíduos, que se escondem por meio dos códigos (meio virtual), e “descontam” sua solidão e sua insatisfação em outrem. Para Martino (2003, p. 123): “[...] as tecnologias conseguem suprir algumas de nossas maiores vulnerabilidades e ajudam a lidar com os medos contemporâneos - o medo da solidão, mas também o medo de criar vínculos muito próximos com outras pessoas.

Nesse sentido, o outro oposto expressa uma sabedoria relacionada à realização de uma comunicação ética, em que o sujeito é chamado a abandonar o seu estado de posse, permitindo-se ao encontro com o outro. Assim, a ética do outro torna-se um caminho para a esfera da comunicação, ante a face do outro, não importa o quê, mas quem exercita deve ser justo com o que faz, justo com os outros, justo consigo mesmo, o que, lucidamente, é o princípio básico de toda ética. A relação com o outro não pode ser baseada em um plano recíproco, porque o outro é ao mesmo tempo diferente de mim. A presença de outra pessoa, de seu rosto, cria no coração o desejo de dizer “cale a boca”, “desapareça”, “você não existe”. No entanto, diante do outro, não podemos negar sua existência, pois somos obrigados a reconhecê-la e aceitá-la, o que mina nossa segurança, conforme expressa Lévinas (1988, p. 190): “[...]observa-se nos olhos de outrem a epifania do rosto como rosto que abre a humanidade. O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro.”

Diante do rosto do outro, nos é permitida uma comunicação de reconhecimento. A nudez que o autor se refere, é o encontro “face a face”, onde o rosto do outro me apresenta a sua verdadeira realidade. O ser justo consiste em se libertar do seu ego, que possui guerras interiores, e trazer a paz (reconhecimento). E essa paz só é conquistada quando se consegue olhar para o outro, não mais como códigos ou como uma pessoa que está do outro lado de uma tela, mas como um ser que possui fraquezas e que possui sentimentos; pois o egoísmo faz com que se crie a violência: a violência do rosto, a violência diante do outro.

Para Habermas (1984), o comportamento comunicativo se expressa como a interação entre, ao menos, dois sujeitos capazes de falar e agir, que formam associações interpessoais para compreender as condições de interação e as intenções de ação a elas associadas, e organizá-las por meio da compreensão da ação. Nessa afirmação, elas envolvem afirmações de validade inaceitável em termos de sua veracidade, correção normativa e autenticidade, cada uma das quais diz respeito ao mundo objetivo dos fatos, ao mundo social dos padrões e à experiência subjetiva, respectivamente.

[...] não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representado e manipulado, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam, assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazer isto, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (MCCARTHY, 1984, p. 392).

A primeira coisa que o outro causa em nós é o "discurso do eu", que não é falar sobre os próprios fatos, mas a capacidade de construir a si mesmo. Uma estrutura que permite o

encontro com os outros, sem o perigo de assimilação. Para se ter um relacionamento é preciso se conhecer primeiro e depois conhecer a outra pessoa. Essa base, se não for verdadeira no contexto físico, torna-se crítica no contexto digital, onde todos somos construídos sobre relacionamentos e sobre a vontade de conhecer outras pessoas. O discurso do eu fornece a expressão do outro. Nas relações virtuais, esse princípio se aplica de forma muito clara. A pessoa do outro lado utiliza para se comunicar o aparato técnico que ajuda a se perceber a ela mesma em constante relação com os que se comunicam. Diante disso, nossa comunicação ocorrerá veridicamente a partir do momento em que cada um de nós perceba que estamos falando com o outro, e é desta maneira que o outro entra no ambiente virtual. Quando essas condições são atendidas, podemos ter sentimentos reais em um ambiente digital. Alguém pode namorar e trabalhar nas redes sociais, pode conversar com familiares do outro lado do mundo e manifestar seus sentimentos, e quando o contato for físico “[...] exige que o ‘eu’ abandone o seu lugar privilegiado e se torne responsável, servidor, incapaz de matar ou de reduzir o outro a um conceito” (MELO, 2003, p. 119).

Habermas (1984), quando trata sobre a ação comunicativa, nos revela que há uma relação direta entre a comunicação e o mundo da vida, pois o primeiro é responsável por reproduzir a estrutura simbólica do segundo (cultural, social, humana). Portanto, no nível da compreensão mútua, o comportamento comunicativo tem a função de disseminar e atualizar o conhecimento cultural; na perspectiva da ação coordenada, promove a integração social; e no aspecto da socialização, serve à formação da personalidade individual.

Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa (MCCARTHY 1984, p. 285-286).

O grande problema da atualidade passar por caminhos de, como se utiliza a comunicação virtual, e desta maneira deixa-se de lado os seus aspectos éticos e morais, caminhando assim para um abismo de não reconhecer o outro, de não desenvolver dentro da comunicação virtual os âmbitos éticos que levam os indivíduos a reconhecer o outro dentro do conceito de alteridade.

Esse grande abismo se refere às atitudes de guerra que o próprio indivíduo causa por meio da tecnologia, atitudes estas que deixam transparecer o egoísmo, o individualismo, e fazem com que aquele que aplica as suas próprias ideias não se reconheça, e não reconhecendo a si mesmo, acaba por não reconhecer o outro e acha-se livre para realizar os seus próprios interesses.

A proposito do ambiente virtual, Martio nos ajuda a compreendê-lo quando afirm que:

O ambiente das mídias digitais, em sua multiforme possibilidade de relações, pode ser um espaço de interações em um encontro potencial com todos os outros. A potência da alteridade se encontra, nas redes sociais digitais, em plena imanência em um ambiente que permite ligações em escala planetária. (MARTINO 2003, p. 2).

Para Lévinas, a ética é a dimensão que preserva a alteridade do outro, pois a tematização e a conceituação indivisível não é fazer as pazes com o outro, mas suprimir ou possuir o outro. A posse apenas afirma o outro e nega a independência do outro. Ele busca, portanto, capturar em seu discurso uma relação de respeito para com a alteridade, uma relação de desejo metafísico, que impede o assassinato do outro e o mantém em uma relação justa. Eu preciso ser separado de todos os outros. A relação ética é a única relação que pode tratar o outro com absoluta externalidade.

#### 4.2 O ROSTO COMO POSSIBILIDADE ÉTICA NAS RELAÇÕES VIRTUAIS

Em Lévinas, o rosto é uma condição da comunicação, está relacionado à estranheza do outro, tem uma alteridade radical, inquietante e irreduzível, não pode ser conceituado ou reduzido à familiaridade com as interpretações ou enquadramentos. Esse rosto nos atrai, está longe da hostilidade e próximo da hospitalidade, mas também faz perguntas e exige respostas. Assim, vivenciar o rosto do outro é vivenciar um senso de responsabilidade diante da vulnerabilidade, permitindo encontrar-se respondendo ao chamado do outro.

O rosto do outro nos afirma e humaniza a nossa presença, fazendo-me ouvir e dizer uma palavra ao mesmo tempo. Nesse sentido, falar estabelece uma relação entre as duas liberdades, afirmando a identidade do interlocutor. Nós nos reconhecemos quando desafiados por outros: não é uma questão de conformidade, mas uma ordem ou apelo de uma identidade para outra. O rosto humano nos torna refens uns dos outros. O contato com os outros define a identidade e torna os outros importantes e essenciais para a existência do eu.

Lévinas (1988) argumenta que diante das muitas faces que nos desafiam, decidir a quem e como responder é um gesto político que envolve normas, moral e ética, mas também exige fraternidade, amizade, responsabilidade, como uma relação ética isso não significa apenas carregar o fardo do outro ou ajudá-lo a suportar as agruras da existência, mas, sobretudo, trazer algo espontâneo, intuitivo e, portanto, positivo ao rosto do outro e às demandas que ele emana.

Diante disso, Marques e Souza (2016, p. 18), afirmam que:

O rosto é presença viva, é expressão: ele fala sem mediações, pois sua manifestação já é discurso. Por isso, o rosto falante é descrito por Lévinas como o evento da alteridade. A palavra é, para ele, escuta e resposta, uma vez que é recebida e ofertada. A alteridade se comunica através do rosto: é o clamor do outro que me convoca e instaura uma relação irreversível.

Nesse sentido, a abertura da comunicação por meio da realização do rosto nos coloca não apenas diante de um rosto, mas também diante de vários rostos, e o dilema associado à resposta que deve ser elaborada a todos eles. Isso só pode ser resolvido no nível moral, mas as decisões precisam ser tomadas no reino da moralidade e da justiça. A política decorre dessa relação moral e comunicativa que a precede, envolvendo aceitação, encontro e responsabilidade. Do outro lado da tela contém ou está um rosto, uma pessoa e não apenas um algoritmo. Vendo ou não o rosto do outro, eu sou confrontado, desafiado. É a ética nascida da escuta da voz do rosto que impede o totalitarismo e a generalização.

Mediante a isso, observa-se que o rosto do outro, torna-se o caminho para uma relação ética dentro das relações virtuais, onde, por mais que se esteja em contato por meio de telas, o rosto nos convida, nos invoca a agir eticamente para com o outro. Assim, as relações com as pessoas surgem não pelo conhecimento ou representação, mas pela sociabilidade, pela comunicação social que ocorre em temporalidades estabelecidas na recepção da escuta e da resposta. Uma relação comunicativa é uma resposta a outra sempre desafiadora. É o respeito pelo rosto da outra pessoa. Em certo sentido, o ato básico de responsabilidade ética, a partir do qual a comunicação virtual é criada, ela começa com o rosto não necessariamente com a fala. O sentido da anterioridade do rosto em relação ao discurso não se baseia na questão do "não-verbal" como precedente do "verbal", mas no sentido de citação que o rosto do outro me dá, ele é uma resposta não uma escolha qualquer. (LÉVINAS, 1997).

A surpresa do encontro, a perplexidade diante do outro, a incapacidade de decifrar os signos de parte a parte, a ignorância mútua levando ora à presunção de superioridade e à pretensão de correção do outro, ora à hostilidade decorrente dessa incompreensão: os elementos estudados por Todorov não deixam de ser um parâmetro para se pensar a questão da alteridade nas mídias digitais. (MARTINO, 2016, p. 8).

Acolher o outro é acolher algo único, cujas características não são nossas e não podem ser alteradas, mas que, no entanto, nos afeta irrevogavelmente. Devemos buscar a abertura para a alteridade como forma de vivenciar o mundo, com um novo olhar para a ética. É até difícil abrir-se ao que não se pode ordenar no Outro e, apesar das diferenças, caminhar no sentido de preservar a cultura que cria os laços de pertença, identidade e diferença que acompanham o Outro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo analisar a alteridade no ambiente virtual, concluímos que o grande problema é como pensar em alteridade neste contexto, uma vez que neste contexto torna-se um desafio a efetivação da ética da alteridade na perspectiva levinasiana.

Percebe-se, à luz da filosofia de Lévinas, a redução do outro, um não reconhecimento no meio virtual na sua totalidade enquanto ser dotado de inteligência. Devido ao fato do outro possuir essa inteligência, o eu não pode considerar o outro como algoritmos, ou como aparatos tecnológicos, uma vez que, na alteridade, preserva-se o encontro face a face no qual se dá o processo de reconhecimento e de realidade. A discussão de Lévinas adentra tão profundamente na relação interpessoal que, fazendo contraponto com a comunicação virtual, é possível identificar esta redução, que coloca o sujeito numa relação egocêntrica, negando e desconsiderando a sua existência ou, até mesmo, desconhecendo-o como tal.

A humanidade contemporânea vive um grande dilema, como conciliar o conforto possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico com valores éticos e morais? Se por um lado o homem conseguiu dominar parcialmente a sua natureza, sabendo lidar com o novo, aprendendo como utilizar o que vem como novidade para sua vida, sabendo desenvolver novas habilidades, por outro lado ainda não conseguiu se adequar para com a linguagem ética como ponto de relação e comunicação com o outro. Sabe-se que as “posições” modernas provocam todo tipo de conflito. Mas não se pode descartar a ideia de que se uma pessoa é livre, toda a responsabilidade por suas ações recai unicamente sobre ela. Portanto, não se pode conceber a ideia de que não existe um sujeito por detrás das telas, fazendo assim das pessoas nossos Androids, ou seja, um ser programado por sua individualidade.

A relação com o Outro pode ser entendida como uma experiência ontológica de aproximação, conservação e zelo. É saber que somente na abordagem do relacionamento ontológico se pode descobrir quem realmente se é. O problema é que o mundo em que vivemos, onde impera a burocracia, a alienação pela tecnologia determina o curso das relações sociais e a violência tecnológica, que atinge números alarmantes, deixa pouco espaço para uma vivência ética nos moldes da alteridade que Lévinas propõe com sua filosofia. Mas isso não significa que não haja mais caminhos possíveis. Um deles é a justiça, pois o outro nos convida a agir justamente com o diferente. A partir do momento em que compreendemos o outro não como codificações ou objeto a ser utilizado de qualquer forma, mas sim como aquele que reflete aquilo que falta no indivíduo.

Desta forma, não se deve entender dentro do mundo comunicativo virtual o outro como um ser que seja definido por nossas próprias convicções. Parece impossível observar isso dentro

deste meio, uma vez que o outro nos tira de nossa zona de conforto, mas, se o olhar for voltado para uma linguagem de igualdade, onde as inferências de minhas atitudes devem estar pautadas na observação das singularidades do ethos, se torna sim possível ver a alteridade mesmo em um ambiente que se torna o refúgio para muitos. O caminho ético deve começar a ser observado neste meio como um caminho de possibilidade, pois desta maneira o olhar para o outro demonstra a verdadeira epifania do rosto e faz com que este refúgio não se torne mais individual, mas sim um caminho de resposta ao apelo que o rosto do outro me infere a dar sentido para a relação com o próximo.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, João Bosco. O desejo: giro ético no conceito de liberdade em Lévinas. In: Revista Estudos Filosóficos, nº 1/2008, DFIME – UFSJ, pp. 84-99. Versão eletrônica. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2\\_repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art8\\_rev1.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2_repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art8_rev1.pdf)>. Acesso em 12 de set. de 2022.

CORDEIRO, Tiago Cordeiro, **Excesso de informação, por Nietzsche**. São Paulo, n.p. Disponível em: <<https://cuidar-do-ser.webnode.com.br/news/excesso-deinformacao-por-nietzsche/>> Acesso em: 30 set. 2022.

GRZIBOWSKI, S., **Transcendência e Ética**. Um estudo a partir de Emmanuel Lévinas. São Leopoldo: Oikos. (2010).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770 - 1831). **Só Filosofia**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2022. Disponível em <[http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=105](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=105)>, Acesso em 25/10/2022.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1993, I e 3.ed. II.

LÉVINAS. E. **Totalidade e infinito**. 70. ed. Lisboa: Biblioteca, 1988.

\_\_\_\_\_. **Entre nós** Petrópolis: Vozes, 1997

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes. (1993).

\_\_\_\_\_. **De Deus que vem a ideia**. Petrópolis: Vozes. (2002).

\_\_\_\_\_. **Além de ser ou além da essência**. Paris: Brodard & Taupin, 2001

MARQUES, A. C. S.; SOUZA, F. C. V. Ultraje do rosto: embates discursivos e reconhecimento da liderança feminina na Petrobras. **Revista Organicom**, v. 13, p. 56-69, 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. **Revista do programa de pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF.**

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MCCARTHY, T. Introdução à obra *The Theory of communicative action, Vol I.* de J. Habermas. Boston, Beacon Press, 1984.

MEDEIROS, Carlos Albertto, **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

MELO, N. V. de. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

NAT. HUM. Sobre a ética em Heidegger e Wittgenstein. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 129-144, jun. 2000. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302000000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, L. M.; SILVA, M. F.; MORAES, D. C. **A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos.** UNIRG, Gurupi-TO, 2014 Disponível Em <[https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo\\_sobre\\_internet\\_corrigido\\_0.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_sobre_internet_corrigido_0.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2022;

SILVA, Márcio Bolda. **Rosto e alteridade: pressuposto da ética comunitária/** São Paulo, SP, Paulus, 1995.

SOLDERA, et al. A Alteridade como fundamento da Ética Levinasiana. In: **Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências** (2.: 2006: Santa Maria, RS) Anais [recurso eletrônico] / II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, 27 a 29 de setembro de 2006. – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25619573-A-alteridade-como-fundamento-da-etica-levinasiana>. Acesso em: 30 set. 2022